



Excerto da entrevista de S. Exa. o Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros à Rádio Renascença

Nova Iorque, 21 de outubro de 2014

Raquel Abecassis (RA) – Que leitura é que o Dr. Rui Machete faz do facto de jovens, enfim, que não têm sequer as suas origens naquela região, nem naquela religião, e que acabam por juntar-se, e há, neste momento, alguns, não são muitos, mas alguns jovens de origem portuguesa que também se têm vindo a juntar a estes grupos? Que fenómeno é este que faz com que pessoas que estão habituadas a viver na cultura ocidental tenham uma atracção por esse tipo de práticas?

Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros (MENE) – Repare, é a crise de valores que hoje atravessamos, e a falta de um ideal. A juventude é naturalmente propensa a acreditar em ideais que os arrebatam e que justificam sacrifícios, e que, pelo seu entusiasmo, os leva a atos que, se o ideal é nobre são atos nobres, se o ideal é negativo, ou se aquilo que almejam acaba por ser negativo, há atos que não são bons.

Ora bem, essa gente está desorientada, esses jovens estão desorientados, por um lado. Por outro lado, em muitos casos altos salários que são pagos e que também são atrativos numa situação económica difícil que está a atravessar no caso do Ocidente, mas também em muitos países do lado asiático, leva a que esses jovens, pelo espírito de aventura, pela novidade, pelo carácter – eu falo, e não é por acaso – do carácter messiânico.

É que isso liga a uma exaltação por vezes de carácter religioso, de natureza religiosa, embora as pessoas normalmente não tenham uma religião propriamente dita, ou então tenham uma interpretação errada, no caso os muçulmanos que se filiam nesse grupo e que militam nessas sociedades criminosas, porque no fundo são sociedades criminosas, porque exaltam determinados valores esquecendo outros, e portanto têm uma obliteração da hierarquia de valores.

Isso explica que haja pequenas minorias, mas que em todo o caso são suficiente numerosas para colocar um problema muito sério, designadamente porque essa juventude, se desencantada e se arrependida, tentará reintegrar-se, o que também é complicado porque as sociedades onde se vão reintegrar têm dúvidas quanto à veracidade do seu arrependimento.

Mas também é verdade que noutros casos não estão nada arrependidos e podem ser factores de terrorismo: não é preciso muita gente para praticar atos terroristas, basta serem pessoas bem preparadas e com o mínimo de organização e apoio exterior. Portanto isso é um problema, um outro problema, muito difícil que o Ocidente vai ter de enfrentar dentro em breve.

Neste momento ainda há poucos casos de regresso, mas já começa a haver alguns. No caso português, já há, penso eu, dois ou três, que se deixaram encantar pelo entusiasmo dos noivos ou por um espírito de aventura e que agora querem voltar. São 2 ou 3 casos, há 12 ou 15, não sabemos exatamente bem...



RA – E pediram apoio ao Ministério?

MENE – Não pediram apoio ao Ministério, isto não se passa em termos burocráticos de requerimento de apoio, passa-se através das famílias.

RA – Mas precisam de autorizações para poderem voltar?

MENE – Não, tal como não tiveram autorização para sair, também não pedem autorização para voltar. O problema é saber como...

RA – Mas neste momento estão registados e quando quiserem entrar no país...

MENE – Sim, mas esse é um dos problemas e é um problema que não podemos ignorar, porque não podemos deixar que as pessoas voltem sem fiscalização, porque isso é...como digo, neste momento em Portugal esse problema não se põe com nenhuma acuidade porque o número é ainda muito restrito, e portanto...

RA – Mas há 2 ou 3 casos de pessoas que querem...

MENE – Há 2 ou 3 casos de pessoas que os pais dizem que querem voltar, nós não temos ainda um conhecimento seguro sobre isso.

RA – E o Ministério já tem uma ideia do que faz no caso dessa intenção...

MENE – Não vai ser apenas um problema do Ministério, isso vai ser um problema que envolve vários ministérios, desde o Ministério da Saúde, porque essas pessoas precisam muitas vezes de tratamento, de apoio psicológico - quando não é apoio psiquiátrico – e depois há problemas de polícia: essas pessoas, nalguns casos poderão...neste momento eu não tenho conhecimentos mas, teoricamente, sabe-se que houve casos de pessoas que cometeram crimes e que portanto esses crimes têm que ser analisados e são susceptíveis de perseguição em processo penal nos próprios países. Portanto, há um conjunto muito complexo de circunstâncias que têm de ser analisadas devidamente.

RA – Dr. Rui Machete, há também uma intenção internacional de se juntar uma força para combater o EI. Portugal solidário com essa força, já decidiu se vai participar?

MENE- Não, não é propriamente uma força, chamou-se uma coligação, a designação creio que do Presidente Obama, mas não tem que ser uma força necessariamente militar...

RA - ...de intervenção...

MENE – É de intervenção mas não tem que ser militar. Nós dissemos que temos de ser solidários com o combate ao terrorismo, e em particular a esse combate do ISIS, que aliás não é difícil ver os casos...têm sido mortas milhares, dezenas de milhares de pessoas pura e simplesmente chacinadas, quer dizer...

RA – Ontem mesmo, houve uma série de ataques simultâneos no Iraque que criaram mais umas centenas de mortos, tanto quanto...

MENE - E isso é uma situação verdadeiramente intolerável. Bom, mas...a pergunta era sobre...?



RA – Estava-lhe a perguntar se Portugal, para além da solidariedade, já definiu mais algum apoio.

MENE – Nessa solicitação de um apoio, esse apoio pode ser político, pode ser diplomático, pode ser humanitário, ou pode ser militar. Nós, o que dissemos, correspondendo ao pedido apoio feito pelo Presidente Obama, como muitos outros Estados, Estados Europeus e Estados do Médio Oriente, do próximo Médio Oriente e até muitos Estados muçulmanos, foi no sentido de que nós estávamos dispostos a dar um apoio político que é o que...por exemplo, estas minhas afirmações são afirmações políticas de um membro do Governo português, de um apoio em termos diplomáticos, no sentido de se encontrar soluções para os problemas de repatriamento, de cooperação entre Estados.

É um apoio humanitário, já demos pequenas contribuições, nós não podemos dar contribuições muito grandes infelizmente, não estamos em condições económicas que o permitam fazer, mas alguns apoios financeiros e alguns apoios em espécie. Por exemplo, albergar sírios que venham para Portugal e que evitem tentações, ou que evitem que caiam nas mãos dessas entidades, pura e simplesmente, do ISIS.

Do ponto de vista militar nós neste momento temos mantido a posição de que não estamos em condições de dar um apoio militar numa área tão longínqua e não demos, portanto, sequer os passos necessários, do ponto de vista da nossa organização política, no sentido de ouvir o Conselho Superior de Defesa Nacional, porque não estamos a pensar neste momento dar um apoio militar, nem pensamos que isso seja a questão mais importante.

Há um outro ponto que, para além de a Coligação se ocupar de dissuadir os jovens, de dar um apoio humanitário, de procurar que os que regressam sejam enquadrados, como há um bocadinho estávamos a falar, isso chama-se aliás justamente os “*foreign fighters*”, os estrangeiros que militam nessa organização, há um aspecto particularmente importante, *a la longue*, no *long run* ou no longo período, e que é o problema do combate ideológico, portanto um combate pela conquista dos espíritos, das mentes.

E esse é um ponto extremamente importante, que não pode ser apenas desenvolvido por Portugal, obviamente, mas em que é muito importante oferecer alternativas de vida, de lutar por que as pessoas percebam que há alternativas de vida diferentes daquelas que elas escolheram ao ingressarem, ao militarem nessas organizações terroristas.

Esse ponto parece à primeira vista relativamente menor, o apoio militar parece mais importante - e o apoio militar é indispensável, por exemplo com o que se está a passar com os curdos e a salvação da sociedade curda na fronteira da Turquia é extremamente importante – mas também é muito importante lutar para que os espíritos sejam captados para outras soluções de vida que não sejam obviamente militar numa organização terrorista, perante um ideal que não se percebe bem qual é, e praticando crimes que em quaisquer circunstâncias são crimes por todas as razões.

Isto, por exemplo, leva a que seja importante conquistar a opinião das autoridades religiosas muçulmanas, que muitas delas condenaram esta ação e dizem que é insultuoso para o Islão que este grupo atue invocando o Islão, mas ainda há entidades que têm uma certa compreensão - porque existem situações de injustiça, é bom que se reconheça – e essas situações de injustiça



devem ser suprimidas através do desenvolvimento económico e social. Isso é necessário e conto participar nessa luta, que é uma luta teórica e prática.